



**Editorial**

**Iluminar o que vale: gente brilhar**

***Ilumina lo que vale: la gente brilla***

***Light it up what's Worth: people shine***

***Amanda Saba Ruggiero***  
*Instituto de Arquitetura e Urbanismo, São Carlos, Brasil.*  
*amandaruggiero@usp.br*

**A** chamada da Revista ARA 14, “Brilhar um brilho eterno, gente é para brilhar”, inspirada no poema de Vladimir Maiakovski, instiga pensamento sobre a revalorização das instâncias culturais, artísticas, científicas e educacionais, a fim de ampliar diálogos e trocas bem como, de outro lado, compreender silêncios e traumas recentes. No ano em que o país restabelece vozes apoiando políticas inclusivas, ações afirmativas, reverência ao respeito e à diversidade, a Revista ARA 14 reúne, por meio de obras de arquitetura, arte, fotografias, imagens, teatro, poesias e pensamentos, conjunto valioso no qual as dimensões materiais e imateriais se entrelaçam formando um arcabouço em que a memória, a história, o patrimônio, a ruína e a sensibilidade humana se fundem para iluminar o que vale: gente brilhar.

A reunião de gerações de criadores, pensadores, intérpretes com teses singulares acerca do Brasil, entre tantos, abrange desde a geração de Sérgio Buarque de Holanda, Mário Schenberg, Paulo Freire, Mário Pedrosa, Alfredo Bosi, Ferreira Gullar, Milton Santos. Tal conjunto alcança segmento composto por Marilena Chauí e Celso Favaretto. Artistas pensadores ganharam espaço em seus textos, entre estes os arquitetos, professores de gerações João Batista Vilanova Artigas e Sérgio Ferro, somados a Fayga Ostrower e Hélio Oiticica. Igualmente formuladores sobre questões da atualidade se reúnem nesta edição de número 14, alguns destes a

seguir nomeados, em particular Henri Lefebvre e Georges Didi-Huberman. A revista ARA abre nova seção denominada “Entrevista”, e apresenta “Um levante é como uma tempestade: conversa com Georges Didi-Huberman”, registro inédito com o filósofo e historiador de arte francês, na ocasião de sua vinda para o Brasil na abertura da exposição “Levantes” em 2017, na unidade Pinheiros do Serviço Social do Comércio (Sesc) – São Paulo/SP.

Convocado por diversos autores, Walter Benjamin (1892-1940) é seminal para confrontar as teses sobre a história, relacionando “o tempo não linear” e o conceito de ruínas a iluminar possíveis trilhas a caminhar. O ensaio “Revirando ruínas: miséria e arcaísmo em Sérgio Ferro” revisita as Teses da História, escritas em plena II Guerra (1940), e mais especificamente a tese número 9, ao relacionar a gravura Angelus Novus com o anjo da história, parecendo desejar afastar-se do que a visão lhe revela: “[...] Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés” (BENJAMIN, 1987, p. 226).

No artigo “Melancolia Tropical” toma-se o presente semelhante a um trabalho sobre as ruínas e retrocessos, exigindo lidar com as memórias de um período de sombra que, por outro lado, nos permite imaginar de novo alguma luz. Em “Queimar para esquecer: as formas de esquecimento percebidas no espetáculo Museu Nacional [todas as Vozes do Fogo]”, o teatro convoca importante resgate da memória do país, quando analisa o espetáculo que dramatizou o esquecimento como ferramenta de preservação da história.

O clássico de Benjamin “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”, igualmente se constata no texto “Patrimônio como ruína, repatriação como direito: Questões sobre arte, geografia e coleção”, em particular na questão da singularidade artística, que a diferencia e se expressa em sua aura. Inúmeros fatores demandam ser estudados para se conferir o que Hans Belting denomina por “enquadramento”. Ao abordar obras sob tal perspectiva, incluem-se aspectos, entre outros, relativos à sua história, a passagem do tempo, sua relação com a materialidade, técnica e os diferentes locais em que esteve, a par de sua propriedade. Neste, como em outros, o

pensamento analítico, crítico e fundado nas tendências atuais de (trans)interdisciplinaridade se apresentam fortalecidas.

Em "Temporalidades desatadas: o gesto poético no mito de Hélio Oiticica", aproxima-se a noção de mito, rompendo as temporalidades lineares e progressistas em voga, para reivindicar o sentido dialético e poético da obra, como afirmou Celso Favaretto, "[...] tudo o que é traço cultural é ressignificado. A ação ambiental é dessacralizadora; monta uma situação em que as significações apropriadas são continuamente desapropriadas" (FAVARETTO, 2000, p. 139-140).

Discutem-se também os esquecimentos programados, apagamentos e aniquilação da memória coletiva, por meio da espoliação que viola patrimônios, e exhibe triunfalmente bens saqueados, ligados a uma imagem de vitória sobre o outro. Por outro lado, imagens do Brasil são frutos da investigação no artigo "Entre azulejos, carnes e ruínas: as imagens do Brasil na produção artística de Adriana Varejão", que problematiza o trabalho da arte ao articular caminhos para pensar a superação do legado colonial que perdura, enquanto na análise anterior, o artista retoma e desata novos sentidos da potência criativa da arte em direção ao possível.

No ensaio "Lumiares", o "sentimento de esperança a florado por luminâncias", a pensar momento político sombrio vivenciado, oito imagens selecionadas refletem pesquisa visual de natureza prático-teórica, enfatizando o cotidiano da paisagem urbana. Do cotidiano o ofício de ensinar é enfatizado no artigo "Ser professor em tempo de reconstrução: manter o foco e reluzir o brilho da alegria motivadora", como fonte de energia para que as luminâncias não se apaguem.

O Dossiê igualmente reflete sobre o tema, com pesquisas individuais distintas e atuais. Busca-se difundir estudos em andamento do uspiano Grupo Museu Patrimônio (GMP): fatos atuais, de Museus recém-inaugurados, do patrimônio industrial, passando pelos projetos, monumentos e apropriações estudantis em espaços universitários à destruição do patrimônio público na Capital Federal, Brasília. Em diferentes instâncias e instituições, o dossiê se agrupa em torno da questão geral: como se preservam conjuntos públicos? Para quem se destinam os bens preservados? Quais histórias devem ser contadas e para quem?

## BIBLIOGRAFIA CITADA

FAVARETTO, Celso. A invenção de Hélio Oiticica. São Paulo: Edusp, 2000.

MAIAKOVSKI, Vladimir. “A extraordinária aventura vivida por Vladimir Maiakovski no verão na datcha”, 1920 (tradução Augusto de Campos), in PITHON, M.; CAMPOS, N. (orgs.). Poemas russos. Belo Horizonte: Viva Voz/FALE/ UFMG, 2011, p. 20-23.